

# O pensamento ecológico de Marx: a “ruptura metabólica” na relação humana com a natureza

*Marx’s ecological thought: the “metabolic rupture” in the human relationship with nature*

Estela Martini Willeman\* 

Resenha do livro *A ecologia de Marx: materialismo e natureza*, de John Bellamy Foster.

Conhecemos apenas uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser considerada de dois lados, dividida em história da natureza e história dos homens. No entanto, estes dois aspectos não se podem separar; enquanto existirem homens, a história da natureza e a história dos homens condicionam-se mutuamente. (Marx; Engels, 1975 *apud* Foster, 2023).

John Bellamy Foster (1953) é sociólogo e professor na Universidade de Oregon, além de editor da *Monthly Review* - uma revista socialista independente. É um marxista que escreve sobre economia política, crise do capitalismo e crise ecológica.

Seu interesse pela questão ecológica data do final dos anos de 1980, tendo, inicialmente, publicado alguns artigos e, posteriormente, uma série de livros, como: *O planeta vulnerável: uma breve história econômica do ambiente* (1994); *Ecologia de Marx: Materialismo e Natureza* (2000); *Ecologia Contra o Capitalismo* (2002); *A Revolução Ecológica: Fazendo as Pazes com o Planeta* (2009); *A Fenda Ecológica: A Guerra do Capitalismo na Terra* (com Brett Clark e Richard York, (2010); *O Roubo da Natureza: Capitalismo e a Fenda Ecológica* (com Brett Clark, 2020); *O Retorno da Natureza: Socialismo e Ecologia* (2020).

Objeto desta resenha, o livro intitulado *A ecologia de Marx: materialismo e natureza*, de Bellamy Foster, lançado pela editora Expressão Popular em 2023, é uma obra de grande relevância, dado o atual momento de crise climática mundial sob a crise estrutural do capital

## RESENHA

<https://doi.org/10.12957/rep.2024.84201>

\*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
E-mail: [estela.willeman@gmail.com](mailto:estela.willeman@gmail.com).

COMO CITAR: WILLEMANN, E. M. O pensamento ecológico de Marx: a “ruptura metabólica” na relação humana com a natureza. *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 55, pp. 263-268, maio/ago, 2024. Resenha da obra: FOSTER, J. B. *A ecologia de Marx: materialismo e natureza*. São Paulo: Expressão popular, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2024.84201>

Recebido em 09 de março de 2024.

Aprovado para publicação em 24 de abril de 2024.

Responsável pela aprovação final:  
Monica de Jesus César.



© 2024 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

e a urgência de se pensar estratégias para a superação do modo de produção e reprodução capitalista. A atual brochura é uma reedição do livro original, de 2000. Esta, contudo, não é a primeira edição do livro no Brasil, tendo havido outra anterior, no ano de 2005.

Para além da relevância da área temática, cuja abordagem responsável ética, política e teoricamente é necessária, alguns elementos do livro fazem dele uma leitura essencial no atual momento, para o principal público desta revista: estudantes, profissionais e pesquisadores de Serviço Social. Eles estão relacionados à crítica que Foster faz a um tipo de marxismo, amplamente disseminado: um marxismo refratário e avesso às questões que não são estritamente ligadas ao mundo do trabalho, desprivilegiando qualquer discussão que saia desse escopo. Sob essa perspectiva, a situação das mulheres, das pessoas racializadas, das pessoas não cisheterossexuais e a questão ecológica ou ambiental, por exemplo, tendem a ser classificadas como questões secundárias, pós-modernas e identitárias, desconsiderando as mediações pertinentes à teoria marxiana.

Foster critica essa linha de pensamento, ao afirmar que “Marx é frequentemente caracterizado como um pensador antiecológico. Mas sempre fui muito familiarizado com sua escrita para levar essa crítica a sério” (Foster, 2023, p. 11). O autor remete-se tanto às críticas de Lukács (2003) quanto às de Gramsci (1971), que, na sua visão, não admitiam um materialismo ligado às ciências da natureza.

Neste sentido, o autor se empenha em fazer aquilo que Marx e Engels (1963) recomendam: “...estudar novamente toda a história [...] antes de fazer derivar delas as ideias políticas, estéticas, religiosas [...] etc. que lhes correspondem” (Marx; Engels, 1963, p. 283). Assim, Foster vai aonde Marx foi: em seus estudos sobre o materialismo de Epicuro (1996) e de Darwin (2009), nos escritos de/com Engels, e investiga a produção marxista após a morte de Marx sobre esta temática, dando especial lugar à produção de Bukharin (1935). Desta ampla investigação, Foster dá ênfase ao conceito central de Marx de “ruptura metabólica” na relação humana com a natureza e ao conceito de alienação no modo de produção e reprodução capitalista.

A alienação é o estranhamento da humanidade de sua própria atividade de trabalho e de seu papel ativo na transformação da natureza e na sua relação com ela, consigo mesmo e com outros homens, tanto enquanto seres genéricos quanto como classe social. A dominação burguesa, com expropriação de terras da classe trabalhadora e monopolização para fins de acumulação, implica nessa ruptura metabólica entre seres humanos e a natureza e nesse processo de estranhamento, alienação. O comunismo, para Marx, é a aposta revolucionária para transcender essa alienação através da abolição da propriedade privada, sendo “a resolução genuína do conflito entre homem e natureza, e entre homem e homem, a verdadeira resolução do conflito entre existência e ser, entre liberdade e necessidade, entre indivíduo e espécie”. (Marx, 1975 *apud* Foster, 2023, p. 124).

Outro elemento relevante, porque atualíssimo da obra, consiste na detalhada problematização que o autor faz da história do materialismo na história da ciência e da filosofia ocidentais, dando especial ênfase a Darwin (2009) e a Epicuro (1996) - filósofo grego da Antiguidade cuja ética materialista com ênfase na mortalidade e na liberdade foi objeto da tese de doutorado do jovem Marx e manteve influência sob toda sua obra, história e *práxis*.

O ponto de partida essencial para uma ética materialista era superar o medo da morte promovido pela religião e pela superstição estabelecidas [...] uma compreensão da natureza e suas leis, isto é, o progresso da ciência, dispensaria o terror imposto pela religião” [...]. Sob o ‘medo e, especificamente um medo que não pode ser extinto’, escreveu Marx, seguindo Epicuro, ‘o homem é determinado como um animal’, despojado de toda autodeterminação. Esse é, para Marx, o maior pecado da religião. Não é acidental que a filosofia epicurista, que revelou tudo isso, fosse tão odiada pelos fundadores do cristianismo (Foster, 2023, pp. 66; 70; 96).

Ao problematizar esta história em suas minúcias, Foster demonstra como o cristianismo teve uma história de perseguição à ciência e aos cientistas materialistas revolucionários, lembrando-nos como “a história se repete”, “a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa” (MARX, 2011)<sup>1</sup>. Nada mais atual e relevante em tempos de severo e organizado ataque de segmentos religiosos e políticos cristãos às ciências, aos cientistas e à universidade pública através de revisionismos, negacionismos, *fake news* e cortes aviltantes no orçamento das políticas públicas para educação, pesquisa, ciência e tecnologia.

A tese principal da obra de Foster é a de que “para compreender as origens da ecologia, é necessário compreender as novas visões de natureza que apareceram com o desenvolvimento do materialismo e da ciência entre os séculos XVII e XIX” (Foster, 2023, p. 18). A partir daí, traça como objetivo central entender e desenvolver uma visão ecológica revolucionária, que vincule a transformação social à transformação da relação humana com a natureza, compreendendo o ser humano como parte da natureza em íntima relação metabólica, o que também pressupõe a centralidade do conceito de história.

Acerca da produção intelectual marxista sobre ecologia da época em que escreveu o livro, ele alerta para diferentes e até opostas perspectivas igualmente equivocadas diante da relação entre ser humano e natureza: ora “antropocentristas utilitaristas”, ora “econcentristas românticos”. Para os primeiros, numa perspectiva mecanicista, a natureza seria um espaço a ser dominado e explorado pelo ser humano; para os segundos, numa perspectiva idealista, os seres humanos devem venerar absolutamente a natureza em detrimento de suas necessidades. Para ambos a natureza é uma instância apartada do ser humano.

---

1 Na obra “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte” (MARX, 2011: 12), Marx analisa o golpe de Estado que Luís Bonaparte desferiu na França em 1851. A frase de Marx, logo na abertura do texto, é: “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira como tragédia, a segunda como farsa”.

Esta é uma perspectiva que Foster refuta ardentemente com base explícita nos estudos de Marx na área das ciências naturais, baseada em um materialismo dialético. Foster tem como base duas premissas marxianas: 1. um íntimo e inarredável metabolismo entre ser humano e natureza e; 2. a alienação do trabalho conectada com a alienação dos seres humanos em relação à natureza. Com isso, refuta completamente qualquer relação de externalidade entre homem e natureza. Ao contrário, Foster defende e comprova a tese coevolucionista ser humano-natureza de Marx, afirmando que não há contradição entre a ideia de controle da natureza e o conceito de sustentabilidade<sup>2</sup>.

Por estes motivos, Foster se determina a uma investigação profunda de reconstrução sistemática do pensamento ecológico de Marx e seu materialismo prático baseado no conceito de *práxis* em oposição ao idealismo hegeliano. Neste sentido, afirma que “uma análise ecológica integral requer um ponto de vista que é tanto materialista quanto dialético” (Foster, 2023, p. 37) na medida em que compreende que qualquer organismo afeta e é afetado pelo ambiente e que ambos se transformam mútua e permanentemente, havendo aí uma relação de reciprocidade e não de externalidade.

No debate sobre a produção das ciências sobre a questão ecológica, Foster, quando escreveu o livro, critica tanto o apartamento do materialismo marxista das ciências naturais quanto a inexistência de teorias significativas da dependência do ser humano com relação ao ambiente. Cabe lembrar que, tendo o livro sido lançado originalmente no ano 2000, muito já se avançou no debate. Hoje, no que se refere às ciências sociais, já se pode contar com a produção teórica marxista de orientação materialista dialética profícua sobre a questão ecológica e ambiental ou o ecossocialismo em autores como Michel Lowy (2005; 2009), François Chesnais e Claude Serfati (2003), István Mészáros (2002; 2016), David Harvey (2006; 2016), Henri Lefebvre (2008), Koei Saito (2021), dentre outros.

Portanto, por mais relevante que a obra de Foster seja, já se pode identificar produções significativas no campo marxista sobre a questão ecológica e ambiental sem ser necessário recorrer a referenciais teóricos duvidosos, fragmentados, parciais e cuja visão carece de rigor e/ou de amplitude na compreensão da totalidade da realidade concreta.

Para defender que “o pensamento de Marx [...] é inextricavelmente vinculado a uma visão de mundo ecológica” (Foster, 2023, p. 44), o autor desenvolve seis capítulos e mais um epílogo: 1. “A concepção materialista da natureza”; 2. “A verdadeira questão terrena”; 3. “Párocos naturalistas”; 4. “A concepção materialista da história”; 5. “O metabolismo entre natureza e sociedade”; 6. “As bases na História Natural para a nossa opinião”.

Em seu epílogo, Foster faz um percurso pelos principais autores marxistas que mantiveram vivas algumas noções ecológicas de Marx, como Friedrich Engels (2000; 2008),

---

2 É importante mencionar que o conceito de sustentabilidade vem sendo largamente utilizado pela burguesia internacional como um elemento do discurso de um suposto “capitalismo reformado” no planeta.

Willian Morris (1998), August Bebel (1988), Karl Kautsky (1988; 1998), Rosa Luxemburgo (1993), Vladimir Lenin (1961), Christopher Caudwell (1937), Paul Sweezy (1973; 1989; 1990), dentre outros, mas dando especial ênfase a Nikolai Bukharin (1935).

Finaliza o livro concluindo que:

Marx foi profundamente influenciado pelo materialismo não determinista que ele pensou ter encontrado em Epicuro [...]. Epicuro, segundo Marx, descobriu a alienação da natureza; mas Hegel revelou a alienação dos seres humanos com relação ao seu próprio trabalho e, conseqüentemente, tanto com a sociedade quanto com a relação especificamente humana com a natureza. Marx moldou essas ideias, ao lado do conhecimento crítico obtido a partir da economia de Ricardo, da química de Liebig e da teoria evolucionária de Darwin, em uma filosofia revolucionária que buscava nada menos do que a transcendência da alienação em todos os seus aspectos: um mundo de ecologia racional e liberdade humana com base terrena – a sociedade de produtores associados (Foster, 2023, p. 358).

Segundo Foster, Marx morreu se mantendo fiel à doutrina materialista fundamental de Epicuro e o ponto em que ele se diferenciou desta filosofia, foi em sua luta pela transformação revolucionária do mundo “da relação material humana com a natureza e a sociedade” (Foster, 2023, p. 318), indo além da contemplação de Feuerbach: “Os filósofos somente interpretam o mundo de várias maneiras; no entanto, o objetivo é transformá-lo” (Marx, 1845).

## Referências

- BEBEL, A. *Woman in the past, presente and future*. Londres: Zwan, 1988.
- BUKHARIN, N. et al. *Marxism and modern thought*. Nova York: Harcourt, Brace, 1935.
- CAUDWELL, C. *Ilusion and reality*. Nova York: International Publishers, 1937.
- CHESNAIS, F.; SERFATI, C. “Ecologia” e condições físicas de reprodução social: alguns fios condutores marxistas. *Crítica Marxista*, n. 16, São Paulo: Boitempo, 2003.
- DARWIN, C. *A origem das espécies*. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- ENGELS, F. *A dialética da natureza*. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- ENGELS, F. As guerras camponesas na Alemanha. In: *Revolução antes da Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- EPICURO. Letter to Herodotus. In: OATES (ed). *The stoic and epicurean philosophers*, 1996.
- FOSTER, J. B. *A ecologia de Marx: materialismo e natureza*. São Paulo: Expressão popular, 2023.
- GRAMSCI, A. *Selections from the prison notebooks*. Nova York: International Publishers, 1971.

- HARVEY, D. Espaços de esperança. Loyola: São Paulo, 2006.
- HARVEY, D. A relação do capital com a natureza. In: HARVEY, D. *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 229-243.
- KAUTSKY, K. *The agrarian question*. Londres: Zwan, 1988. V.1.
- KAUTSKY, K. *The agrarian question*. Londres: Zwan, 1998. V.2.
- LEFEBVRE, H. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.
- LENIN, V. *collected works*. Moscou: Progress Publishers, 1961. V. 14.
- LENIN, V. *collected works*. Moscou: Progress Publishers, 1961. V. 38.
- LÖWY, M. *Ecologia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2005.
- LUXEMBURGO, R. *Letters*. Atlantic Highlands, N.J.: Humanities Press, 1993.
- LÖWY, M. Crise ecológica, capitalismo, altermundialismo: um ponto de vista ecossocialista. *INTERFACEHS: Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, v. 4, n. 3, p. 132-140, 2009. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/07/Margem-14-M-Lowy.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, K. *Teses sobre Feuerbach*. 1845. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Boitempo, São Paulo, 2011.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Obras escolhidas em três volumes*. Rio de Janeiro: Vitória, 1963.
- MÉSZÁROS, I. *Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MÉSZÁROS, I. *A Teoria da Alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MORRIS, W. Three letters on epping forest. *Organization & Environment*, v. 11, n. 1, março, 1998.
- SAITO, K. *O ecossocialismo em Karl Marx: capitalismo, natureza e crítica inacabada à economia política*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- SWEEZY, P. Cars and Cities. *Monthly Review*. V. 14, abril 1973.
- SWEEZY, P. Socialism and ecology. *Monthly Review*. V. 41, n. 4, setembro, 1989.
- SWEEZY, P.; MAGDOFF, H. Capitalism and environment. *Monthly Review*. V.41, 1990.